

ESCOLAS2030.ORG

GEOGRAFIA DA INFÂNCIA E A TRANSFORMAÇÃO PARTICIPATIVA DO ENTORNO ESCOLAR

GHANEM, ELIE¹

¹Professor Doutor, Universidade de São Paulo, elie@usp.br.

Meu bom dia para todo mundo! Eu sou professor de sociologia de educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Sou pesquisador também, como em geral os docentes da Universidade são.

Minha temática de concentração é inovação, reforma e mudança educacional. Coordeno um grupo de pesquisa com esse nome: Ceunir (Centro Universitário de Investigações em Inovação, Reforma e Mudança Educacional). Esse grupo tem três linhas de investigação. A mais densa tem sido a de educação escolar indígena, à qual eu me dedico mais diretamente há quinze anos, pelo menos.

Também faço umas outras coisas e acho que foi principalmente por isso que a professora Samira Chahin sugeriu que eu viesse conversar com vocês, porque, entre essas coisas, está a minha participação na equipe de coordenação do programa Escolas2030. É um programa global, internacional, proposto pela Aga Khan Foundation, que atua em vários países da Ásia, da África e, na Europa, em Portugal.

O programa se chama assim, Escolas2030, porque está centrado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, estabelecidos no âmbito da ONU, e particularmente o ODS 4: educação de qualidade para todos e todas até 2030. Os ODS foram formulados em 2015. A proposta era incentivar ações para que esses objetivos fossem atingidos até 2030.

O programa Escolas2030 tem essa perspectiva. Abrange 10 países: Brasil, Afeganistão, Índia, Paquistão, Portugal, Quênia, Kirguistão, Tadjiquistão, Tanzânia e Uganda. Inicialmente, a proposta era que em cada um desses dez países o programa mobilizasse uma centena de escolas consideradas inovadoras e atuantes em áreas de alta vulnerabilidade social, considerando essas escolas como um certo desvio positivo. São escolas consideradas inovadoras porque, mesmo atuando em áreas de vulnerabilidade social, conseguem resultados de aprendizagem. Existe um entendimento de que há uma sabedoria, um conhecimento que essas

escolas desenvolvem e que isso precisaria ter apoio, ser incrementado e servir de base para extrair diretrizes de política educacional fundamentadas, para que se chegasse à realização desse ODS 4 de educação de qualidade para todo o mundo.

No Brasil, nós começamos a mobilização a partir dos conhecimentos que já tínhamos, convidando organizações educativas, não exclusivamente escolas, porque há outras organizações que fazem educação, dedicam-se à educação em áreas de vulnerabilidade e não são formalmente escolas.

Então, nós procuramos articular uma centena dessas escolas. Os nossos recursos são limitados, como em geral. Mas, desde 2020, nós conseguimos constituir o Coletivo Escolas2030 que hoje conta com 110 unidades em diferentes pontos do Brasil. E trabalhamos desde então em maior proximidade com algumas dessas escolas, digamos assim, com as quais a gente empreendeu um esforço mais concentrado.

A coordenação do programa Escolas2030 é composta pela Ashoka, que é uma organização internacional de empreendedoras e empreendedores sociais e pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Eu sou o docente da Faculdade que participa da coordenação do programa. É um grupinho da Faculdade muito pequeno, eu e dois pesquisadores de doutorado e uma estudante de graduação.

O programa foi proposto na vertente de pesquisa chamada pesquisa-ação. Não sei o quanto vocês têm de informação a respeito dessa proposta metodológica que orienta procedimentos de investigação social. Tem muitas ramificações, não é uma coisa nova, mas já foi sendo desenvolvida e experimentada com diferentes perspectivas.

O Brasil veio contribuindo para essa perspectiva ao longo das décadas, especialmente pelo trabalho de Paulo Freire, que aperfeiçoou a proposta nos seus aspectos que podem ser de maior exercício de poder pelas pessoas que fazem parte do projeto de pesquisa-ação. Esquemáticamente, a ideia é a seguinte: é uma pesquisa-ação porque tem uma intenção de melhoria de uma determinada situação, então ela envolve intervenção para modificar uma realidade, diferenciando-se de muitas pesquisas que podemos chamar de convencionais, aquelas que se detêm em retratar uma realidade ou compreender uma realidade.

Assim, há uma dimensão de pesquisa, que é essa de compreensão de uma determinada realidade, ao mesmo tempo em que se faz a proposição de medidas para experimentar, alterar, melhorar essa situação investigada. Dentro dessa proposta, quem pesquisa são as próprias pessoas dos grupos que estão envolvidos na situação. Quem são os pesquisadores e pesquisadoras? Não somos nós da universidade, não somos nós cientistas sociais, pesquisadores profissionais, são as próprias pessoas dos grupos. No nosso caso, as próprias pessoas das comunidades educacionais, das comunidades locais, que são principalmente lideradas por profissionais, por professoras e professores em escolas. Geralmente, é isso.

Mas não exclusivamente professoras e professores. Há também uma intenção e um incentivo para que, nesse trabalho, a pesquisa-ação envolva cada vez mais estudantes, em termos da tomada de decisões a respeito do processo de pesquisa. E outras pessoas da comunidade, familiares de estudantes, outras pessoas que trabalham na escola, mas que não são professoras, outras funcionárias, líderes comunitários. A proposta é que haja em cada uma das escolas a formulação coletiva de um projeto de pesquisa que seja ação também, que seja intervenção.

Foram escolhidas cinco aprendizagens em torno das quais as organizações educativas poderiam focalizar a sua investigação. Essas aprendizagens são autoconhecimento, empatia, colaboração, criatividade e protagonismo. Então, grande parte do nosso trabalho como universidade, nesse nosso grupinho de quatro pessoas, é manter uma interlocução com pessoas dessas organizações educativas. A maior parte são escolas, a maior parte são escolas públicas, algumas são comunitárias. Nós fizemos um trabalho mais intensivo com um grupo de 27 instituições que a gente chamou de organizações polo. Elas estão localizadas em diversas regiões.

Essas escolas são consideradas inovadoras por práticas que se diferenciam daquelas que são costumeiras, ou daquelas que já eram costumeiras nessas mesmas organizações educativas e foram substituídas por práticas diferentes. Ou são diferentes daquelas que são costumeiras em geral, entre as organizações educativas, entre escolas.

Pensei em dar alguns exemplos e levantar algumas perguntas na relação com o que vocês estão se concentrando. Eu entendi que é a relação, ou as possíveis relações, entre escolas e o seu entorno imediato. Ou o que

vem sendo chamado dos territórios. Os territórios em que as escolas estão situadas. Não são necessariamente territórios em que elas atuam, costumeiramente, escolas em geral.

Por quê? Pode-se dizer que pela nossa tradição as atividades escolares são concebidas para serem confinadas em um determinado local, em um determinado prédio, em um conjunto de instalações, isso que a gente chama de escola. Os trabalhos, as atividades educacionais e escolares foram, há muito tempo, entendidos para serem realizados no lugar separado do ambiente em que esse lugar está situado, do entorno.

Essas escolas, principalmente as escolas polo, as organizações polo do Programa Escolas2030, têm uma propensão: algo da sua inovação é um esforço de relacionamento mais estreito com o seu ambiente imediato exterior, com a chamada comunidade, o seu entorno, o seu território.

E fazem modificações em práticas internas às escolas. Então é uma combinação de atuação interna, especialmente em termos de promover maior envolvimento de estudantes, de crianças, de adolescentes na tomada de decisões sobre o que se realiza como atividade educacional dentro da escola e, ao mesmo tempo, quanto ao ambiente externo, um esforço de relacionamento mais estreito com os grupos, ações, órgãos públicos, organizações privadas, famílias do seu entorno.

Então, vou passar aqui uma sequência de exemplos.

O Cieja Campo Limpo. Cieja é Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos. O Campo Limpo é um dos 96 distritos do município de São Paulo. Essa é uma escola que tem, entre outras coisas, a peculiaridade de lidar com pessoas que já são jovens e adultas. São estudantes que interromperam a sua escolarização, ou que não chegaram a se alfabetizar.

A orientação que vem seguindo é de forte integração com o seu entorno imediato. O Campo Limpo tem uma área chamada periférica, uma população de muito baixa renda, com grande precariedade da vida urbana e da habitação. E, em alguns casos, isso é muito extremo.

Essa integração com o entorno é feita sobretudo por meio de muitas atividades festivas dentro da sede, no prédio do Cieja. Comemorações, seminários abertos, lidam muito com uma troca, um partilhamento de informações e apresentações, de manifestações artísticas, de variados

tipos (de origem africana, afro-brasileira, indígena). Então fazem festas, fazem muitos saraus, nos quais as pessoas de fora apresentam suas manifestações artísticas, música, dança; e estudantes de dentro também.

Durante todo o dia tem refeições no Cieja, que está sempre aberto para que outras pessoas, que não são necessariamente estudantes, entrem e partilhem das refeições. E acolhem. Uma grande quantidade de seus alunos são pessoas com deficiência. Tem uma parcela muito grande, cerca de um terço do alunado no Cieja Campo Limpo é de pessoas com alguma deficiência.

Outra escola é a Escola Comunitária Luísa Mahin.

Luísa Mahin fica em Salvador, num bairro de periferia chamado Uruguai, e se constituiu como escola comunitária exatamente porque o bairro era muito precário, porque não havia oferta escolar oficial pública. E essa escola comunitária tem esse nome, Luísa Mahin, porque ela é muito baliçada, muito orientada, para a valorização da cultura afro-brasileira. Luísa Mahin foi uma das líderes de movimentos do povo afrodescendente, e esse nome é uma homenagem. O esforço da Escola Comunitária Luísa Mahin é o de interagir com as famílias, com o ambiente externo, em termos dessa valorização das origens e das culturas africanas e afro-brasileiras.

Uma terceira escola, bem distante dessas, é a Escola Indígena Baniwa Eeno Hiepole. Baniwa é um dos povos de São Gabriel da Cachoeira, que fica no extremo noroeste do estado do Amazonas, no meio da floresta. Essas palavras “eeno hiepole” significam “umbigo do mundo” em Baniwa. Há um lugar, um dos rios da bacia do Rio Negro, do Alto Rio Negro, que é considerado a origem do mundo, o umbigo do mundo, eeno hiepole é a área onde fica a Escola.

E aí o trabalho é bem voltado para aprender sobre a própria cultura desse povo, o povo Baniwa, que é muito aliado ao povo Koripaco. E aprender sobre suas maneiras de ver, as condutas preferenciais dessa cultura, os seus saberes, as suas interpretações, sobre o seu próprio povo, sobre os demais povos e sobre o ambiente físico, a fauna e a flora na floresta. É um esforço constante de aprendizado, ao mesmo tempo sobre a própria cultura e sobre as culturas alheias, sobre as culturas brancas, vamos dizer assim, da sociedade envolvente.

Pelo que eu entendi, há no trabalho de vocês uma importância especial dada ao aprendizado ou à educação em contato com a natureza. E isso, no caso da Eno Hiepole é constante porque essa distinção entre o que é cultural, o que é natural, entre sociedade e natureza, tem outro enquadramento entre os povos indígenas, especialmente no caso dos Baniwa. Isso porque a sua cultura é o ambiente físico também. É também a flora e a fauna, são também os ventos, é também o relevo, é também o rio. É tudo isso.

Outra escola é a Alan Pinho Tabosa, uma Escola Estadual de Educação Profissional, de ensino médio e técnico. Ela fica em Pentecoste, no interior do Ceará, e lá praticam o que chamam de educação cooperativa. É um tipo de trabalho de aprendizado mútuo, em que os estudantes operam entre si para o aprendizado. Eles formam pequenos grupos, seja para estudar temas do saber escolar mais recorrentes, mais comuns, e para resolver problemas coletivos, internos do ambiente escolar e outros relativos a seu entorno.

Outra é a Escola Anne Frank, uma escola municipal em Belo Horizonte, num bairro chamado Confisco. E o próprio bairro se constituiu ao mesmo tempo em que se reivindicavam equipamentos para dar suporte à vida cotidiana. Entre esses equipamentos, a própria escola. Então, o esforço local por tornar o ambiente de moradia viável se mistura com a criação da escola.

Nessa escola eles também atuam sobre o ambiente interno, com essas modificações voltadas a incentivar a crescente influência das crianças na tomada de decisões, incentivar o protagonismo de estudantes nas decisões sobre a educação que se processa na escola. Aí são crianças bem novas, são crianças no primeiro ciclo do ensino fundamental, e assim mesmo mantêm práticas de assembleias de estudantes para essas tomadas de decisão. Ao mesmo tempo que mantêm a atenção na valorização do território, no entorno da escola, porque ainda tem suas precariedades nos tipos de moradia disponíveis e nos serviços públicos para viabilizar a vida urbana.

Outra ainda é a Escola Municipal de Educação Infantil Gabriel Prestes. Essa fica bem no centro da capital de São Paulo, no bairro da Consolação, um lugar altamente urbanizado, muito áspero, digamos assim. A experiência da Gabriel Prestes se chama mesmo território educativo. Essa

escola de educação infantil se articula com outras escolas próximas, também de educação infantil. E esse projeto, como nós chamamos de território educativo, é o de fazer com que as crianças, que são todas bem novinhas de três a cinco anos, “invadam” o ambiente externo. Elas circulam em grupos com as professoras, passeando pela cidade, pelo centro da cidade, e com isso aprendendo sobre esse ambiente e modificando também a relação com as pessoas que trabalham com os lugares, os órgãos públicos, os centros comerciais e mesmo as habitações daquela área altamente urbanizada. Então tem esse tipo de atuação combinada com pesquisa sobre memória das famílias e do próprio bairro.

A Escola Professor Paulo Freire é também de Belo Horizonte e também faz assembleias para decidir pautas pedagógicas com as crianças e nos fins de semana o equipamento da escola, ou seja, suas instalações prediais, é disponibilizado para ser utilizado como um espaço social e cultural do território.

A Escola Municipal Angela Antonia Misga de Oliveira fica em Almirante Tamandaré, município da região metropolitana de Curitiba, Paraná. Lá, os espaços do entorno da escola são também explorados nas suas potencialidades para seu usufruto. Vários desses espaços são deteriorados, são insalubres, então existe uma prática educacional de reconhecimento dessas características e de busca de modificação, como por exemplo transformar um terreno baldio cheio de lixo num gramado em que as crianças possam brincar, colocar brinquedos etc.

A Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, na capital de São Paulo, no bairro do Butantã, próximo ao Campus Cidade Universitária da USP. Ela se caracteriza por uma aprendizagem por meio de projetos, propostos pelas professoras e professores em diálogo com os estudantes. É uma prática que os alunos e alunas desenvolvem pesquisas por meio de roteiros que são propostos pelos professores. Eles procuram se colocar como professoras e professores em apoio ao esforço dos estudantes no cumprimento de roteiros, que se pretende que levem a aprendizagem. Uma grande parte desses roteiros diz respeito ao conhecimento do ambiente imediato externo à escola, a área do bairro. Por exemplo, às vezes tematizam questões ambientais e lidam com a nascente de um córrego que é próximo, com o trânsito de automóveis e outros aspectos desse tipo.

Ao mesmo tempo, essa escola combina um grande incentivo e realização de práticas artísticas muito próprias de culturas populares, como os grupos de maracatu, de capoeira, artes populares em geral, mas também combinadas com uma dimensão erudita. Por exemplo, tem um acordo para ensino de língua grega por parte de estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonzaguinha fica em Heliópolis. Heliópolis é uma das maiores favelas de São Paulo. Essa escola participa muito intensamente de algumas ações que fazem parte do calendário temático integrado do lugar de Heliópolis. Dentre essas atividades existe a caminhada pela paz.

Já faz 25 anos pelo menos que todo ano se faz uma caminhada pelas ruas de Heliópolis com forte participação das escolas. Ela se origina e tem como tema central o combate à violência e uma compreensão de que os atos violentos, as situações de violência em geral, acontecem muito em decorrência da falta de respeito a muitos direitos sociais, inclusive o direito à moradia, o direito à saúde e mesmo o direito à educação, variados deles. E essa escola se articula com a Unas (União de Associações de Moradores de Heliópolis).

Outra escola a mencionar é a Escola Quilombola Professora Lydia Sherman que fica em Búzios, no Rio de Janeiro. É um lugar de turismo muito bonito, paradisíaco. E ali eles têm um esforço concentrado nos aspectos da origem africana da população. A grande parte dos estudantes é do quilombo próximo e está procurando alternativas de caráter econômico, principalmente a montagem de uma padaria escolar. Então a meninada aprende a fazer confeitaria, pães e uma porção de outras coisas junto com isso. E ao mesmo tempo interagir por meio de trocas econômicas com o ambiente externo.

Em São Paulo, outra Escola Municipal de Ensino Fundamental é o Espaço de Bitita. O Espaço de Bitita se chama assim porque Bitita era o apelido da grande escritora Carolina Maria de Jesus, que viveu em uma favela no Canindé, o bairro onde a escola está situada. Então eles fizeram uma mobilização de toda a comunidade para renomear a escola com o nome de Maria Carolina de Jesus, em homenagem a essa escritora negra. A escola se chamava Infante Dom Henrique e eles verificaram que essa figura histórica, Dom Henrique, não merecia homenagem porque participou ativamente do comércio escravista. Ele fundou uma escola no sécu-

lo XV, a Escola de Sagres, que tinha tecnologia mais avançada da época para navegação. Criou caravelas e tal, toda essa história. Mas com isso ele incentivou muito e se envolveu diretamente com o comércio de escravos.

Então, como não gostaram nada dessa homenagem, fizeram uma votação com várias possibilidades de nomes e resolveram homenagear Maria Carolina de Jesus. Essa proposta foi para a Câmara Municipal, a mudança foi aprovada, mas o prefeito vetou e aí mudaram o nome da escola para Espaço de Bitita como homenagem pelo apelido da Maria Carolina.

Um aspecto marcante da opção do trabalho educacional do Espaço de Bitita é a integração de alunos imigrantes. Os filhos dos imigrantes que são alunos da escola. Alguns vêm do Afeganistão, outros do Haiti, muitos da Bolívia. Há muitas famílias bolivianas que são empregadas na indústria de confecção instalada neste bairro, sobretudo as mulheres bolivianas que são altamente exploradas, muitas vezes um trabalho semiescravo.

Outra é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Campos Salles, em Heliópolis, São Paulo também. Baseia-SE em três princípios: autonomia, responsabilidade e solidariedade. Ela atua conforme essas máximas que foram postas pelo diretor da escola, o Brás Nogueira, que dirigiu lá por 20 anos. Ele diria assim: “Tudo passa pela educação e a escola é um dos meios de articulação da comunidade”. Então, entre outras coisas, a EMEF Campos Salles, além da prática de assembleias internas, de envolvimento de estudantes na tomada de decisões internas, também participa da vida do entorno, inclusive a caminhada pela paz anual.

Já em Manaus, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Waldir Garcia se destaca ela mesma como um local de articulação da comunidade. Uma das suas frentes de destaque é a valorização da diversidade, a partir também do trabalho integrado de alunos nascidos no país e de imigrantes. Então, um grande envolvimento, tentativa com sucesso, de envolvimento dos familiares de estudantes que são imigrantes para compartilhar traços das suas culturas, inclusive culinária, dança, música. Esse é o seu empenho.

Em Bananeiras, município do interior da Paraíba, tem a Escola dos Sonhos. Ela está numa área rural e pretende que seus espaços físicos se-

jam integrados à realidade do campo. O currículo passou a se organizar por projetos de pesquisa sobre muitos dos aspectos do mundo rural, de seu entorno rural, e com roteiros de aprendizagem que são transdisciplinares. Por exemplo, ali próximo tem uma usina de açúcar, então a meninada vai lá ver o que é isso. As crianças propõem seus temas de interesse e de estudo, muito baseados em investigação.

E, finalmente, a Odé Kayodê, que fica na cidade de Goiás, antiga capital do estado de Goiás. Ela é uma escola comunitária. Odé Kayodê é traduzido como o caçador que traz alegria. O caçador, quando vem com uma caça, traz alegria: a comida. Essa escola está assentada em saberes das culturas indígenas e afro-brasileiras. Dá muita relevância para o lúdico, para a ludicidade, para a afetividade, para a ancestralidade e artes e diversidade. Propõe uma educação que deve servir para que se atue politicamente na sociedade e tem experimentado isso internamente.

Todas essas escolas são atravessadas por uma dimensão de política interna, quer dizer, de procura de distribuição de poder também para os educandos e educandas de modo que participem da tomada de decisões. E lá no Odé Kayodê, eles criaram um sistema político, com prefeitura, vice-prefeito e vereadoras e vereadores que são eleitos pelas crianças. Tanto tomam decisões internas quanto participam de alguns aspectos da política municipal. Por exemplo, a conferência da criança e do adolescente.

Então, minhas amigas e meus amigos, com esse panorama, eu destaco o sistema político. Há nesse conjunto de escolas consideradas inovadoras um empenho muito notável de modificar as relações internas, em termos de uso do poder, postos de poder, conferindo a estudantes um grau maior de influência nas decisões sobre educação que se processam na escola. E isso se combina também com um empenho em interagir mais estreitamente com os ambientes imediatos, externos, o entorno, os territórios. Na minha opinião, isso tudo tem um grande valor. É admirável.

As condições são muito adversas para fazer tudo isso. Algumas dessas condições são, pode-se dizer, referentes à mentalidade que predomina no entendimento de educação e de educação escolar. Como eu disse, o nosso modelo de educação escolar, aquilo que, em geral, se entende por escola, no Brasil e na maior parte dos países, é que é um lugar fechado, separado, preservado e alheio ao seu entorno. Confinado.

Então, todos esses esforços são bastante valiosos. Acredito, entretanto, que essas escolas têm conseguido maiores avanços em termos da distribuição de poder internamente para a tomada de decisões e para o aspecto de sensibilidade em relação à diversidade dos estudantes e às dimensões de subjetividade, de compreender a peculiaridade individual, pessoal de cada criança, de cada adolescente, ou mesmo quando se trata de adultos e adultas.

Nisso eu acho que há um avanço muito grande, bastante importante, mas muito menor do que eu chamaria de uma dimensão de educação que é sociopolítica. Olhando para o que se pratica, em geral, como educação escolar, esses são dois pontos de fragilidade. Nossa educação escolar, em geral, pela nossa tradição, é alheia à dimensão da subjetividade do sujeito pessoal e é alheia à dimensão sociopolítica, quer dizer, de compreender a própria atividade educativa como uma intervenção sociopolítica de mudar a situação de vida das pessoas, de mudar o bairro. Compreender, por exemplo, que o direito à moradia é um direito humano.

Não se trata apenas de ensinar algumas coisas para pessoas que são crianças de famílias que vivem e moram na favela, mas que essa educação seja ao mesmo tempo um combate para assegurar o direito à habitação, para assegurar que não haja favela, para assegurar um bom ambiente físico, social e cultural que possa ser desfrutado com igualdade e riqueza por todo mundo.

Então, minhas amigas e meus amigos, há só mais umas ideias que eu queria compartilhar com vocês. Do que eu observo na maior parte das escolas, em São Paulo, por exemplo, muitas das escolas municipais e estaduais mais antigas foram desenhadas sem estacionamento. A rede municipal da capital de São Paulo se iniciou em 1956. Não sei como as professoras iam para a escola, mas possivelmente havia muito menos automóveis particulares. Mas, na cidade de São Paulo, estacionamento virou uma necessidade. Isso é uma distorção enorme. Nós temos um transporte coletivo pouco amigável e não bem distribuído, e então as pessoas precisam, querem, andar em carro. As professoras vão para lugares distantes e tal e as escolas não têm estacionamento. Os estacionamentos são improvisados. Mas, além disso, as escolas não têm auditório.

Não têm um lugar que possa reunir todo mundo, que possa reunir a comunidade. Onde reunir a comunidade? Eu vi em Santo André, um mu-

nicípio do ABC paulista, um negócio bem legal. Não era numa escola. Era um lugar que servia de depósito de materiais da prefeitura, que foi reformado e ficou um lugar bem agradável. E criaram um auditório verde, de gramado, ao ar livre. As pessoas se reuniam, faziam cursos, sobre paisagismo inclusive.

Também há incentivo insuficiente a um trabalho educacional com horta e jardim. Grande parte, não saberia dizer quantas, mas grande parte das escolas não dispõe de horta nem de jardim, que são muito ricos para uma variedade enorme de atividades, de aprendizagem. Não fazem da horta e do jardim parte do seu ambiente educacional. Também acho que são muito tímidas as iniciativas de considerar como parte da atividade educacional o trabalho de arborização interna na escola e no entorno.

Muitos lugares são extremamente áridos e se beneficiariam imensamente se parte da atividade educativa fosse plantar, arborizar e cuidar. E outra coisa que é muito menos cogitada que eu gostaria muito que tivesse um desenvolvimento é a criação de pequenos animais. Isso é mais complicado, é diferente de plantas, porque os animais andam, comem, cagam, tudo isso.

Bom, acho que já falei demais, não sei se tem alguma utilidade para vocês e querem perguntar alguma coisa.

CONVERSA

Samira Chahin. A professora Chiara Maria da Costa que está aqui, coordenadora pedagógica do CMEI Edvaldo Albuquerque dos Santos, poderia nos contar da experiência dessa escola que tem um coelho. Não sei se Chiara vai poder falar, mas é uma escola muito pequenininha, que tem um pátio que é muito pequenininho, mas eles criam uma galinha e um coelho. É inacreditável. Só cabem um jardinzinho, uma hortinha, um coelho e uma galinha. Não é, Chiara? Vocês não têm uns bichinhos no pátio interno?

Muito obrigada, Elie. Muito legal você ter construído essa imagem para nós.

Gostaria de colocar uma primeira questão na roda. Todas essas escolas, me parece, não foram escolhidas por acaso. São exemplos de escolas inovadoras que são inspiradoras porque, a meu ver, conseguiram encon-

trar sua vocação de diálogo com o território, com a comunidade. Escolas que conseguiram se encontrar com um propósito educativo próprio. É lindo perceber como cada escola constrói um propósito próprio, e como não existe regra, como não existe uma melhor que a outra, como todas são igualmente inspiradoras.

E aí, uma coisa que nós, arquitetos urbanistas, sempre nos perguntamos é sobre como podemos apoiar as escolas que ainda não encontraram seu propósito a encontrar sua vocação de diálogo com o território. Como podemos apoiá-las a construir um programa de usos de seus espaços internos e dos espaços de seu entorno imediato, que transborde o projeto pedagógico padrão. Essa me parece ser a grande questão que nos move.

Rozana Melo. Sou coordenadora pedagógica no CMEI Fúlvia Rosemberg. Eu gostei muito da sua fala. Ela traz uma consistência muito grande sobre a relação criança-natureza.

A gente trabalha no espaço atual do CMEI desde 2016. Ele fica nos fundos da Universidade Federal de Alagoas. Aqui a gente tem um espaço imenso e já conseguimos fazer algumas plantações. Temos bananeira, acerola, manga, pinha. Temos uma árvore frondosa que é nosso xodó, um pé de canela. Um espaço muito generoso onde a gente faz o desemparedamento das crianças, crianças de várias idades. Agora nós fizemos a plantação de milho e a gente acredita muito nessa ideia de trazer a criança para fora da sala de aula.

A gente trabalha aqui no Fúlvia com essa pedagogia orgânica desde 2016. Temos alguns impasses, mas a gente não desiste. A Semed (Secretaria Municipal de Educação) tem algumas iniciativas. Mas quando a gente conheceu esse projeto de extensão da UFAL, vimos uma luz no fim do túnel. Percebemos que a gente pode caminhar para se abrir também ao território, com apoio desse projeto.

Elie Ghanem. Obrigado, Rozana! Legal! É bom saber desse trabalho que vocês fazem e da canela.

Chiara Maria da Costa. Gostei muito da fala do professor. Foi bastante esclarecedora. E quando ele falou sobre como poderíamos criar e cuidar de pequenos animais na escola... Realmente nós tínhamos um coelho. E o nosso coelhinho veio a falecer. E a gente queria saber: "quem foi que

matou o coelho?”. Como tinha um gatinho aqui, alguém disse que foi o gato. Eu não acreditei, não. Eu adoro gatos. Eu acho que vou fazer Direito para defender gatos. Não pode ter sido o gato! (risos)

Mas a gente não sabe o que foi que o matou. Só sei que saímos num dia e no outro dia ele estava morto. Foi triste o fim do coelho. Talvez tenha sido mesmo o gato. Mas estamos pensando em ver como conseguimos trazer outro coelho para a escola. Porque esse coelho envolveu até crianças especiais. As crianças autistas gostam muito de animais. A gente tem uma criança autista que conseguimos conquistar com o coelho.

A gente conseguiu agora uma tartaruga. A tartaruga está crescendo e está acontecendo o maior envolvimento com as crianças por causa dela. Elas amam, são apaixonadas pela tartaruga. A gente tem um professor na sala de referência, o Batista, que está com uma ideia de fazer um aquário para as nossas crianças.

A escola não tem um espaço físico grande. Meu Deus, o sonho da gente era que fosse um espaço físico enorme para a gente fazer muitas das ideias que a gente tem. O professor Batista nos ajuda muito com essas construções e adaptações. O professor Gibson Henrique também nos ajuda muito com a parte cultural, ele também está muito envolvido com projetos sobre meio ambiente aqui na escola.

Junto com Batista, fizemos uma horta na parte de trás, que inclusive tem um pé de mamão. Agora vamos explorar mais as ideias de fazer um jardim. Eu tenho um sonho de fazer esse jardim e a diretora me disse: “Vamos sonhar, vamos fazer. Vamos saber o passo a passo.” Vamos fazer algo a mais porque nossas escolas precisam mesmo desse trabalho, desse envolvimento das crianças com a natureza. Porque conhecer a natureza não é só aprender que ali tem um pé de árvore, o que é o caule e o que são as folhas. As crianças precisam se envolver.

Gibson Henrique Santana. É realmente interessante pensar no espaço da escola aberto para a comunidade, para que sejam feitas outras atividades. Até para oferecer às pessoas opções de ocupar o seu tempo e de aprender, inclusive sobre outras formas de ganhar dinheiro, de crescimento e conhecimento pessoal. A escola, o espaço de escola, passa um bom tempo sem atividades, fechado, e esse horário poderia ser usado para isso mesmo, para que as pessoas da comunidade pudessem agregar algo a mais para suas vidas, e até o enriquecimento da própria comu-

nidade. São comunidades muito carentes. Se a gente pudesse oferecer isso a elas, faria uma grande diferença.

Elie Ghanem. Muito bom, fico contente com as ideias e as coisas que vocês estão fazendo. Para mim é ótimo saber.

A questão da Samira é muito boa. Por muito tempo eu tenho me perguntado por que em algumas escolas acontecem essas coisas, essas inovações, esse movimento de mudança, e em outras não. Aparentemente, na maior parte não.

E até o momento, eu tenho para mim a seguinte explicação. O que eu noto nessas escolas é que existem algumas pessoas que são extraordinárias. Algumas pessoas que, por sua intenção militante, pelo seu tipo de formação ou pelas suas experiências, dedicam um empenho diferenciado. Em parte, essas pessoas questionam aquilo que habitualmente é feito e imaginam, criam alternativas de práticas diferentes. Estão enxergando de outra maneira. São essas pessoas que movem aquilo que se está chamando de inovações. Mas não tem esse tipo de pessoas em todas as escolas, não tem na maior parte das escolas.

Então essa seria a diferença. “O que é que a baiana tem?” O que é que ela tem que os outros não têm? Tem certas pessoas que seguram a onda. Impulsionam um processo, procuram animar os colegas, disputam ideias, canalizam sua energia na realização dessas alternativas. Agora, esse é um esforço extraordinário, um esforço para além daquele que já é dedicado ao funcionamento regular comum das escolas. Então, pensando assim, vejo que as demais escolas precisariam de um tipo de incentivo que fosse equivalente a essas energias, a essas características das pessoas extraordinárias das escolas inovadoras. E isso essencialmente depende do poder público.

Então o Programa Escolas2030, a partir das unidades que têm participado, gerou uma série de documentos. E essa era a intenção, que com base nessas experiências se pudessem extrair lições e diretrizes para melhorar a educação. Isso diz respeito à política educacional.

Há recomendações de política educacional que vão nesse sentido que eu estou dizendo. Para que o poder público venha a suprir com incentivo as escolas em que essas pessoas extraordinárias não estão presentes,

para que as pessoas comuns tenham condições de fazer coisas mais adequadas, criativas, diferentes, inovadoras.

E, essencialmente, pode-se apontar que isso quer dizer que precisa de gente com tempo. O tempo remunerado de trabalho profissional das professoras e professores é insuficiente para essa dedicação. Porque essa dedicação significa conversar com as outras pessoas, manter um sistema de comunicação, animar estudantes, articular-se com familiares, entender-se com agentes do lugar, pessoas das associações locais, dos órgãos públicos. Tudo isso é trabalho, requer tempo, requer qualificação também. Então, os órgãos gestores públicos deveriam oferecer isso. Quais são os recursos que podem ser postos à disposição? Entre esses recursos, tempo de trabalho remunerado para professoras e professores se dedicarem àquilo que é necessário.

Como é que elas vão inventar bons trabalhos educacionais de combinação e de intervenção no seu ambiente externo, no seu entorno, no seu território, se elas não contam com uma visão de que esse trabalho é um trabalho da sua profissão? É do seu ofício, que precisa ser remunerado, precisa ser considerado. Não como um esforço a mais, não como algo que é em grande parte voluntarista.

Tem que ter tempo de trabalho remunerado e tem que ter apoio especializado. Aí, imediatamente, estamos falando não exclusivamente, mas imediatamente, da universidade. Qual é a ligação que os órgãos públicos e gestores podem estabelecer, fechar o circuito daquilo que está sendo processado e feito nas escolas com esse grupo da universidade que deve investigar, deve fazer extensão universitária, deve fazer pesquisa e deve servir de apoio especializado para que esses grupos locais, sobretudo de corpos docentes das escolas, encontrem caminhos e combinem isso com condições para fazer coisas diferentes, mais adequadas, mais consistentes?

Eu penso dessa forma. Sua pergunta, Samira, me provocou a dizer essas coisas.

Samira Chahin. Uma das questões que levantamos como bandeira é a importância da assistência técnica em arquitetura e urbanismo no cotidiano de funcionamento do equipamento escolar. Uma forma de assistência técnica que pode acontecer por meio de projeto de extensão, que

é um pouco o que a gente está buscando viabilizar com esse projeto, o “Tempo livre depois da Escola”.

Apesar de não ser possível criar pessoas extraordinárias por meio da assistência técnica, a gente pode dinamizar, criar disrupção no cotidiano, incentivando a comunidade escolar a sonhar outros sonhos, outras possibilidades para o espaço escolar, trabalhando junto em caminhos possíveis para realizá-los. O programa escolar precisa, de algum modo, trazer o sonho por espaços melhores, pela conquista dos espaços públicos do entorno escolar, para dentro de sua proposição pedagógica, de modo que possa inclusive trabalhar na criação de espaços mais flexíveis e adequados às imprevisibilidades. Muitas vezes a escola não tem um auditório, mas pode improvisar “um auditório” para acolher a conversa entre famílias dentro da escola. E aí, nesse sentido, assistência técnica de arquitetos urbanistas pode cumprir papel fundamental.

E me parece que você tem toda razão em apontar para a falta de tempo livre remunerado como uma lacuna nas políticas públicas de educação. Eu sinto isso nos diálogos com as escolas, na fala das coordenadoras, das gestoras, no esforço que fazem para encontrar uma brecha no horário de HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) para sonhar com um espaço escolar melhorado. É igualmente difícil reunir o Conselho Escolar. As famílias parecem estar a cada dia mais indisponíveis, talvez desinteressadas em atuar junto à escola de suas crianças.

Então, como é que viabilizamos esse diálogo entre as famílias dentro da escola? Não é apenas uma questão de espaço físico adequado para reuniões, é uma questão de tempo disponível para estar na escola fazendo ações para além daquelas obrigatórias, é uma questão de tempo disponível para pensar e realizar proposições extracurriculares.

Chiara Maria da Costa. Eu estou aqui com o professor Batista. Ele trouxe a geladeira para a escola porque ele tem a ideia de fazer um aquário de peixes para as crianças. Ele nos ajuda muito na horta, na construção de brinquedos. Ele traz materiais de casa quando não tem na escola. Ele faz muitas coisas aqui na escola para nós. Infelizmente, a gente não tem muito espaço físico e a gente não consegue fazer mais.

No Carnaval, desenvolvemos um projeto todo voltado para a cultura carnavalesca da cidade de Maceió. Batista fez um trio elétrico usando dois carrinhos de feira. Ele está aqui e vai falar um pouquinho com vocês.

José Batista da Silva. Bom dia! Estou em sala com o primeiro período, mas independentemente da turma eu sempre trago essa criatividade. Agora, tem barreiras, e muitas. Todos sabemos que tem as barreiras, principalmente as econômicas. Mas não vamos desanimar por isso. Aí a gente traz coisas de casa, traz de lixo quando passando nas ruas. E quando tem um suporte, uma coordenadora como a que a gente tem, a gente ataca dentro do possível e vamos fazendo. Eu tento incentivar os colegas a tomar uma iniciativa e dentro do possível a gente vai fazendo as coisas. Aqui tem jardim, tem horta, tem mamão com fruto, tem batata doce. Os espaços aqui são pequenos. Não chega a ser pequeno, não, os espaços são mínimos, quase que não tem espaço. Mas a gente dá um jeitinho para esses espaços crescerem e levar as crianças durante as aulas, que são muito boas e produtivas. Aqui tem a terra que a lavoura dá boa, e tem umas que não. Mas geralmente é por todo o canto assim. Tem a lavoura que se adapta mais e aqui a gente já plantou uns pés de macaxeira, que deu quase um metro da macaxeira. Foram duas: uma com quase um metro e a outra menor um pouquinho. E aí fizemos o escondido de macaxeira, trabalhamos a receita com as crianças. E é por aí, por esse jeitinho que transformamos os espaços pequenos.

Elie Ghanem. Muito bem, muito bem! Parabéns! Batista, “o aquariano”. Muito legal. É um exemplo, vocês todos são exemplos disso que eu estou chamando de pessoas extraordinárias. Não tem gente com esse ímpeto e com essas qualidades em todas as escolas, na maior parte não tem. Vocês valem ouro e servem de exemplo. Mas a gente tem que encontrar uma alternativa ampla sustentável para todas as escolas. E essa alternativa depende de pressão, de organizar gente, força política, pressão para assegurar aquilo que é necessário. Para que o poder público destine as condições e os recursos para que, em todas as escolas, práticas desse tipo venham a se realizar.

Ana Paula Alencar. Primeiro, gostaria de agradecer a partilha do seu conhecimento e dessa experiência maravilhosa que nos inspira também aqui como trabalhar com tantas possibilidades que existem. E eu achei interessante o relato desses exercícios democráticos com os alunos, de organizar as assembleias. Proposta que faz com que eles certamente discutam e exercitem a democracia. Achei muito interessante que algumas escolas tragam essa experiência também. Às vezes há também a possibilidade de trazer as famílias, de integrar as famílias nessas experiências. Vejo inclusive uma derivação de todo esse exercício na formação

desses estudantes como sujeitos políticos a partir dessa prática de construção democrática desde a escola. Achei interessantíssima a experiência da Chiara e do Tio Batista, de ver como eles usam a criatividade. Porque do plantio da macaxeira até o cozimento e o preparo do alimento, tudo isso é conhecimento, é construção do conhecimento. E quem observa, quem acompanha e quem faz junto também está construindo o conhecimento. Assim como os encontros com os animais, isso também é uma construção de afetos que deve ser bastante valorizada, assim como a construção de afetos para com a natureza, do que existe na natureza, de perceber como ela é generosa conosco. Obrigada, professor!

Elie Ghanem. Obrigado, você, Ana! E na escola da Chiara, do Batista, parece que eles trocaram a lebre pelo gato. Não tem aquela frase? Trocaram gato por lebre? Nessa escola, trocaram a lebre pelo gato.

Samira Chahin. Coitado do coelho! E você fazendo piada com o coitado do coelho.

Não queria deixar passar a fala da Ana, que traz uma questão bem importante para todos nós. Ela enfatiza algo que estava no final da fala do Elie sobre a dimensão sociopolítica da educação. Uma dimensão que se constrói no enfrentamento dessa cosmologia atual que está impregnada nas cidades. É sobre a construção de processos educativos e de intervenções no território que reivindiquem mudanças no sentido dos afetos, no sentido da relação com a natureza. A gente não pode abandonar essa perspectiva socioeducativa jamais.

Então, o tema das assembleias, da democratização dos espaços de tomada de decisões dentro do espaço escolar, das possibilidades de aproximação das famílias para dentro da gestão da escola. Isso tudo diz sobre plantar sementes que podem fazer muita diferença.

Elie Ghanem. Se vocês tiverem documentos e puderem compartilhar comigo e com o Programa Escolas2030, será de muito valor. Penso na proposta do projeto de extensão, das propostas de aproximação entre as escolas e a natureza. Eu me lembrei que o Instituto de Psicologia da USP tem um trabalho de pesquisa sobre escolas em que há atividades a céu aberto, atividades fora do confinamento, em contato direto com a natureza, além de ser a céu aberto. Porque é muito recorrente ver aulas

de Educação Física a céu aberto, mas no cimento de uma quadra de esportes. Não é isso. A professora Marilene Proença procurou fazer um levantamento e ela pediu a ajuda do programa Escolas2030. Então, algo pode haver de subsídio desse trabalho do Instituto de Psicologia, coordenado pela professora Marilene Proença, para o trabalho de vocês.

E eu quero continuar mantendo contato não só com a Samira Chahin, mas também com as outras pessoas, que são de origens variadas, profissionais de escolas também, para que a gente possa estreitar relações entre nós, nos fortalecer.

A outra coisa que a Samira falou foi sobre apoio especializado. Ela usou o termo assistência técnica. A gente procura fazer isso também no Escolas2030, dar esse apoio especializado da universidade como uma assessoria para que as experiências das escolas sejam sistematizadas, sejam interpretadas e sejam avaliadas. Qual é o efeito em termos de aprendizagem dessas práticas? As escolas precisam de apoio para fazer essa avaliação. Tem que ter registro para poder compartilhar. Tem muitas coisas fantásticas, por exemplo, isso que o Batista vem fazendo, o trabalho com a macaxeira primeiro e agora a intenção de construir um aquário. Onde vai estar o registro disso? Como que isso vai ser interpretado?

Existe uma porção de coisas de aprendizagem que estão envolvidas nisso, como salientou a Ana, do plantio, da colheita e do processamento da macaxeira à culinária. A gente aprende a ver o mundo de outra forma, a se relacionar entre nós fazendo coisas juntos. Tem aprendizagens incríveis. Como resgatar tudo isso de maneira que esse aprendizado coletivo possa ser explicitado, compartilhado com outras pessoas, outros lugares? Isso é parte do nosso desafio e precisamos de apoio do poder público.

Samira Chahin. Maravilhoso, Elie. Muito obrigada!

Elie Ghanem. Eu agradeço a vocês a oportunidade, essa ajuda grande da Samira de me colocar em contato com vocês. Agradeço muito a disposição e a paciência e continuo aqui para a gente manter relações de colaboração entre nós. Então, até breve! Beijão!